

# Itaytera

“É uma corrupção visível (BATATEIRA) do termo ITAYTERA, pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: ITA, pedra, Y ou Yg, água, por entre, isto é, água que corre precipitando-se entre pedras”.

DR. MARCOS MACEDO

---

N.º 10

ANOS 1965 — 1966

---



# Itaytera

DIRETORIA

DO

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Eleita para o Ano Social entre  
Outubro de 1965 e 1966

**Presidente**

José Alves de Figueirêdo Filho

**Vice-Presidente**

Pe. Antônio Gomes de Araújo

**Secretário Geral**

João Lindemberg de Aquino

N.º 10 — ANOS 1965 - 1966

**2.º Secretário**

Zuleico Pequeno de Figueirêdo

**Comissão da Revista "ITAYTERA"**

J. de Figueirêdo Filho

Pe. Antônio Gomes de Araújo

João Lindemberg de Aquino

**Comissão de Sindicância :**

Celso Gomes de Matos

Euclides Francelino de Lima

Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa

**Comissão de Letras, Ciências e Arte :**

Dr. Edízio de Figueirêdo Abath

Dr. Raimundo de Oliveira Borges

Dr. Antônio Duarte Júnior

CRATO

—

CEARÁ

## I N D I C E

NO DÉCIMO NÚMERO .. . . . .	3
ALENCAR NOS IDOS DE 17 E 24 .. . . . .	7
REVISTA "ITAYTERA" (Índice dos assuntos) .. . . . .	101
O ANTIGO EGITO .. . . . .	153
O ROMANCE DE J. DE FIGUEIREDO FILHO .. . . . .	162
A "SERRA DO JOÁ" .. . . . .	164
O MUNDO ESTRANHO DOS CANGACEIROS .. . . . .	165
O PADRE QUE PERDEU A CRENÇA .. . . . .	169
MUDANÇA DE PIANOS .. . . . .	177
1.º FESTIVAL DE FOLCLORE DO CEARÁ .. . . . .	185
DISCURSO .. . . . .	193
REMINISCÊNCIA .. . . . .	197
CABÓCA DA MINHA TERRA .. . . . .	200
IDÉIAS, LIVROS E FATOS .. . . . .	202
REVOLUÇÃO ECONÔMICA NO VALE DO CARIRI .. . . . .	205
MARECHAL RONDON .. . . . .	209
† INHAMUNS .. . . . .	213
NOVOS POEMAS .. . . . .	218
A BEM DA VERDADE .. . . . .	221
HISTÓRIA DOS PARTIDOS CEARENSES .. . . . .	225
SERAFIM LEITE E A FUNDAÇÃO DE FORTALEZA .. . . . .	229
MUNICIPALISMO .. . . . .	237
ANÁLISE LITERÁRIA .. . . . .	241

## S E P A R A T A S

NO ALFALTO E NA PIÇARRA  
 APÓSTOLO DO NORDESTE

# No Décimo Número...

J. DE FIGUEIREDO FILHO

"ITAYTERA" circula, na presente edição, pela décima terceira vez. Nasceu, em 1955, em edição quase bisonha, fruto de um punhado de idealistas. Seu número inicial foi uma revelação promissora, prova da capacidade criadora do cratense. Mauro Mota, diretor do "DIÁRIO DE PERNAMBUCO" o decano dos jornais da America Latina, saudou-a em suelto como das melhores revistas, no gênero, do país. Dali para cá sua vida tem sido cheia de vitórias constantes. É solicitada em vários centros do Brasil e sua repercussão conseguiu atravessar fronteiras externas.

O órgão oficial do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, a pedido daquelas entidades, de renome internacional, mantém intercâmbio com a Biblioteca do Congresso de Washington, com a Biblioteca Pública de Nova York e mais recentemente com a THE GENERAL LIBRARY OF CALIFORNIA.

Já foi exibida, em Agosto de 1964, em programa da TV CULTURA de S. Paulo, pelo escritor Alceu Maynard de Araújo que a qualificou das melhores revistas culturais do norte brasileiro.

Sua vida luminosa de nove movimentados números, está minuciosamente relatada, na presente edição, em trabalho monumental, oriundo da inteligência e da paciência invulgar da bibliotecônoma, diretora da Biblioteca da Universidade do Ceará — Maria da Conceição Sousa.

Foi batizada pelo Padre Antônio Gomes de Araújo, com a água lustral de sua primorosa cultura e seu nome procede de uma interpretação do sábio piauiense, vinculado ao Crato e ao Ceará — Dr. Marcos de Macêdo. Vejamos o que diz aquêle auxiliar da fecunda administração do Padre José Martiniano de Alencar, o maior administrador que a província cearense já possuiu e que ainda pode servir de padrão para governos estaduais :

E' uma corrupção visível (BATATEIRA) do termo ITAYTERA, pelo qual os tupís designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte

modo: ITA, pedra, Y ou Yg, água, TÊRA, por entre, isto é, água que corre, precipitando por entre pedras”.

Temos assim, naquele topônimo ameríndio, a descrição exata da nascente do Batateira e do primeiro curso do riacho, no sítio Loanda, município de Crato.

Esta revista, pela primeira vez, traz a publicação de um livro, em suas páginas. Trata-se de “NO ASFALTO E NA PIÇARRA”, impressões de viagem, em ônibus, do autor destas linhas, com a colaboração da esposa Zuleica Pequeno de Figueiredo. Também publica a tese de João Lindemberg de Aquino, para conquistar a cadeira da secção de letras do Instituto Cultural do Cariri e que tem o patrocínio da figura inconfundível do Apóstolo do Nordeste, e igualmente jurista, educador e orador — Padre Ibiapina.

A edição presente é das mais alentadas, assim comemorando condignamente a saída de seu décimo número, correspondente aos anos de 1965 e 1966.

---

## Sócio Correspondente do Instituto Arqueológico de Pernambuco

RECIFE, 19 de Abril de 1966

Ilmo Snr.

Prof. José Alves de Figueiredo Filho:

Motivo de saúde levou-me a demorar a comunicação que ora faço da inclusão do nome de V. Sa. no quadro de sócios correspondentes do Instituto Arqueológico.

O Instituto assim procedendo pela unanimidade de seus sócios presentes recebe o ilustre confrade com as efusões de regozinje e de reconhecimento do valor que inclui num dos quadros que reúne outros nomes ilustres conhecidos e festejados nas letras brasileiras e estrangeiras.

Apresento assim a V. Sa. a segurança de nossa consideração.

(a) Olympio Costa Júnior, Secretário

Se vem chegando...  
Ou se vai saindo do Crato,  
V. S. encontrará o

# POSTO SHELL

ÓLEOS, COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES

Um Atendimento Perfeito!  
Completo Serviço de Lavagem!  
Lubrificantes ao Preço do Rio e S. Paulo!  
Brevemente: Modernissimo Restaurante.

# POSTO SHELL

ORGANIZAÇÃO

ANTONIO PRIMO DE BRITO

Av. Pe. Cícero, S/N

CRATO

—

CEARÁ



**CIA. SUL CEARENSE DE PAPEIS**

***Sulcepa***

**PAPEIS DE VÁRIAS QUALIDADES**

**FÁBRICA:**

**Bairro Industrial de MURITY**

**ESCRITÓRIO:**

**Rua Dr. Miguel Lima Verde, 20 - CRATO**

**UMA INDÚSTRIA QUE HONRA O CARIRI**



# ALENCAR NOS IDOS DE 17 E 24

Padre Antônio Gomes de Araújo

(Vice-presidente do I. C. C., sócio correspondente nesta cidade do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras e portador da MEDALHA COMEMORATIVA da inauguração do MONUMENTO GUSTAVO BARROSO em Fortaleza.)

E

OUTRAS

NOTAS

Classificador de si próprio na galeria dos historiadores classificados, (1) ou sejam, de talento (referimo-nos ao assunto na edição anterior desta revista) — o tenaz pesquisador, velho médico-general Carlos Studart, duvidando, ou, melhor, negando o fato por nós enunciado em nosso "1817 NO CARIRI", de que José Martiniano Pereira de Alencar, estudante cratense é carbonário do velho seminário de Olinda, gozava as férias nesta região — perguntou, sentencioso como sempre, ao fim de sua claudicante argumentação:

"Onde as ameudadas viagens do jovem diácono ao Cariri?" (2)

Preliminarmente esclarecemos que Alencar gozava as férias em Crato desde o ingresso no seminário. Por outro lado, não afirmamos terem sido ameudadas as viagens (tinhamos nos referido a viagens de férias e não de outra natureza) de nosso seminarista subversivo a esta região, porque não ignoramos ocorressem as férias de seminário

(1) "O Padre Gomes de Araújo e "A Revolução de 1817 no Ceará", p. 18. Carlos Studart Filho. Tipografia Minerva. Fortaleza - Ceará. 1962 — Pasuado pelo delírio de sua típica e mórbida megalomania intelectual (infelizmente sem fundo cultural correspondente) não percebe, o autor, ser rasante e de curto fôlego, seu vôo de historiador, enquanto o do historiador de talento autêntico, alcança, sempre em vertical, as alturas transcendentais das sínteses imortais, partindo das grandes análises. As produções históricas do médico-general historiador não passam de acumulados, às vezes indigestos, embora seu valor indiscutível. Em geral, superficiais e sem toque da arte, suas sínteses históricas, ao contrário das do confrade Raimundo Girão — profundas e medulares, tocadas da Graça e da Beleza. Carrego, o médico-general cronista, as implicações daquela megalomania: complexo de superioridade intelecto-cultural, oraculidade, infalibilidade, intocabilidade do tabu, reação furiosa, esquizofrênica, contra qualquer restrição a fruto de sua sabença, chegando até, seu espírito polêmico, à ausência de lisura intelectual e de ética.

(2) Opúsculo citado, p. 38.

naquelas eras somente uma vez por ano. Empregamos a expressão — “férias anuais” — para exprimir nosso pensamento, (1817 NO CARIRI, citado, p. 17) de modo a não ficar dúvida. Estamos, portanto, diante de um acréscimo manifestamente malicioso do caracterizado espírito polêmico do médico-general historiador. Exemplo contundente da improbidade deste espírito, têm-lo nas passagens seguintes:

“Podéramos, outrossim, repetir o que afirmou o Chefe de Divisão José Ferreira Lôbo, em sua proclamação de 25 de abril de 1817, OU APELAR PARA A PALAVRA DE PEREIRA DA SILVA, O MESTRE TÃO ACATADO SEMPRE PELO PADRE GOMES”.

“PARA DAR UMA APARÊNCIA DE VERDADE A SEUS DEVANEIOS, FOI O PADRE GOMES BUSCAR APOIO EM PEREIRA DA SILVA...”

\* \* \*

“NÃO É, POIS, PEREIRA DA SILVA UM HISTORIADOR EM QUEM SE POSSA CONFIAR DE OLHOS FECHADOS... (3)

Ora, o historiador Pereira da Silva não é, não foi e não será, de modo algum, do nosso gosto. Jamais o citamos escrevendo ou falando. Nossos escritos andam por aí e desafiam contestação. De Mirabeau disse Rivarol que por di-nheiro o grande tribuno era capaz até de uma ação boa. Parodiando o escritor, podemos asseverar que, no empenho de derrotar o adversário, o espírito polêmico do médico-general escritor é capaz até de uma ação boa, se esta por ventura coincidir com os elementos de vitória previstos pelo referido e sinistro espírito. Da falsa e fria atribuição, como vimos, à distorção, fraude, truque, mutilação, chantagem, intelectuais, não há distância. Se não é cinismo, parece, por parte de quem proclama sempre o próprio culto à honestidade intelectual...

\* \* \*

À luz dos livros poderíamos provar que o seminarista subversivo, Alencar, gozava as férias nessa região. Aproveitamos, entretanto, a oportunidade feliz da existência do documento, até porque a história é uma questão de crítica e não de autoridade. Não reproduziremos os documentos,

(3) Opúsculo citado, pp. 18 e 33, nas quais se encontram as desonestas passagens supracitadas.

atendendo à angústia de espaço. Mas, deremos, dêles, informação substancial, embora, lacônica, com a indicação obrigatória das respectivas fontes para confronto posterior por parte de quem venha a interessar-se pelo assunto. Previnimos ainda ao leitor que o escriba eclesiástico e o civil antecederam o nome do nosso seminarista Alencar do título de — padre — costume da época, bastando para tanto que alguém se matriculasse aluno de seminário e o frequentasse com a alegação ostensiva de pretender fazer-se sacerdote. O futuro brigadeiro e então coronel Leandro Bezerra Monteiro tratou Alencar por — “padre mestre” — quando este tentou pessoalmente aliciá-lo no sítio — Porteiras — para o golpe político que desfêcharia em 3 de maio de 1817 na vila do Crato (4). Entretanto, Alencar não assinava, então, o nome com o tratamento de — padre — como se poderá ver dos documentos.

Aos fatos:

Em 14 de agosto de 1812, Alencar assinou pessoalmente como testemunha, escritura de compra e venda pela qual o capitão-mor José Alves Feitosa e sua mulher dona Maria Alves Feitosa, moradores na vila de São João do Príncipe, vendiam o sítio “Pedro de Melo”, no Brejo Grande, a Pedro André Alves Rodvalho (5).

No dia 10 de maio do ano de 1813, Alencar apadrinhou pessoalmente, na pia bastimal da Matriz de Nossa Senhora da Penha da Paróquia do Crato. O documento, embora em parte deteriorado, deixa ler visivelmente:

“Foram padrinhos o Padre José Martiniano Pereira de Alencar e dona Bárbara Pereira de Alencar” (6).

Em tempo: aquela Bárbara Pereira de Alencar era a genitora de Alencar, o nosso seminarista nacionalista e revolucionário.

A primeiro de maio de 1814, Alencar apadrinhou pessoalmente na pia batismal da citada matriz, à párvula Antonia, filha de José Carlos de Oliveira (7).

Este mesmo José Carlos de Oliveira, amigo e compadre de Alencar, o acompanharia na insurreição nacionalista do referido 3 de maio de 1817, e cairia nas malhas da alçada

(4) Dias da Rocha Filho. “Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro”.

(5) Livro de “Nota:”, fls. 70 e seguintes. 1812-1813. 1.º Cartório, de Antônio Mochado — Crato-Ceará.

(6) Livro de registro de batizado, fls. .... 1813-1815 — Paróquia citada.

(7) Livro citado, fls. 43. Anos citados. Paróquia citada.

instaurada no Crato pelo ouvidor Manuel José de Albuquerque (8).

No dia 2 de janeiro de 1816, Alencar assinou pessoalmente procuração no cartório da vila do Crato, constituindo seus bastantes procuradores em Oeiras, Piauí, aos irmãos coronel Manuel de Sousa Martins e o tenente coronel Joaquim de Sousa Martins (9). O coronel Manuel de Sousa Martins foi o primeiro presidente da província do Piauí e sucessivamente barão e visconde de Parnaíba. Era parente de Alencar. Este, por morte de seu pai (1809), herdara bens no Piauí. O documento declara que Alencar era do termo do Crato.

No dia 3 de outubro de 1814, Alencar foi presente ao comêço da demarcação das terras que possuía no sítio São José, termo da vila do Crato.

“Auto de princípio de demarcação que mandou fazer o juiz ordinário capitão José Ferreira da Conceição a requerimento do Padre José Martiniano de Alencar e da viuva Antonia Maria”.

“No ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e quatorze, aos 3 dias do mês de outubro do dito ano, neste sítio de São José, termo da Real Vila do Crato, capitania, e comarca do Ceará Grande aonde foi vindo o juiz ordinário o capitão José Ferreira da Conceição comigo escrivão do seu cargo adiante nomeado, e o piloto Francisco José de Andrade, e o ajudante da corda Inácio Pedro de Lavor, e a requerimento dos autores o Padre José Martiniano Pereira de Alencar e da viuva dona Antonia Maria, — viemos à beira do rio Batateira no lugar onde extremam os mesmos requerentes da presente demarcação para o efeito de se... (ilegível) do travessão, e por êles foram apresentados os seus títulos, etc. (10).

Alencar herdara terras, as citadas, do sítio São José, por

(8) Documentos do Arquivo. Tomo XXXVIII — Recife — Pernambuco. (a)

(9) Livro de “Notas”, fls. 2 a 3 — 1816 — Cartório citado.

(10) Fragmentos dos autos da citada demarcação, em poder do autor.

(a) Em vêz do que está escrito na nota (8), leia-se: “Documentos para a História da Revolução no Ceará em 1817”. Segunda Série. In Revista do Arquivo Estadual, de Pernambuco. Tomo XXXVIII, pág. 218. — Secretaria do Governo de Pernambuco, “Documentos do Arquivo Estadual”, V. II, págs. 7 a 14 — Recife — 1943

morte de seu pai. Não as vndera em vida e os seus herdeiros não as procuraram.

\* \* \*

A revolução caririense, deflagrada sucessivamente nas vilas do Crato e Jardim nos dias 3 e 5 de maio de 1817 por Alencar na condição de emissário ESPECIAL do governo revolucionário de Pernambuco, foi de tal envergadura, que não é admissível tenha sido preparada no espaço de três ou quatro dias, tantos mediaram entre a chegada de Alencar ao Crato e o referido três de maio. Aparentemente sufocada, entretanto ela continuaria em pleno curso nos espiritos, e explodiria, desta vèz irreprensível (1822-1823), encarnada no Govêrno Temporário, que a câmara de Crato reconheceria, depois de o ter inspirado, e lhe daria por presidente ao capitão-mor José Pereira Filgueiras, que o conduziria, do Cariri a Fortaleza, e aí o instalaria para todo o Ceará, como de fato instalou. A grandeza do epilogo daria a medida da importância da revolução já na sua frustrada experiência dos idos de maio de 17. Mais: nas malhas da alçada, instaurada em Crato pelo ouvidor Albuquerque, cairam 39 acusados, (z) e 19 foram pronunciados pela Alçada da Bahia, sem contar quem escapou à rêde da justiça, ou fôsse, Pedro Antunes de Alencar Rodovalho (b) um dos ascendentes do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, Presidente da República.

E' igualmente inadmissível que a mesma revolução tenha sido preparada em pouco mais de quinze dias pelo ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, tanto foi o espaço de tempo que êle permaneceu neste Cariri, de Crato para Jardim, em correição e com o fim de inaugurar a vila do mesmo Jardim, como o fêz, e nomeou as respectivas autoridades (3.1.1816), e constituiu o patrimônio vilarengo (14.1.1816) (11)

Por igual não se poderia atribuir ao carmelita e subversivo Frei Francisco de Santana Pessoa, a preparação remota da referida revolução. Fugição de seu convento na

(z) Irineu Pinheiro. "Efemérides do Cariri", págs. 291 e 292. — Documentos do Arquivo, Vol. II. Secretaria do Govêrno de Pernambuco — Recife. 1943.

(11) Livro de "Querelas", fl. 94. 1812-1815, Cartório citado — Livro de "Notas", 1816 — Cartório citado — João Brígido, "O Ceará", pág. 437.

(b) Pedro Antunes de Alencar Rodovalho, supracitado, ocupando posto de importância, participou da Expedição de Caxias, em cuja crônica seu nome aparece com variante, mas se trata da mesma pessoa. Cf. Revista do Instituto Histórico do Brasil, Tomo XLVIII, pp. 491, Rio de Janeiro. 1885.



Paraíba, perseguido pelo superior por intermédio do Governador Sampaio, que se dirigiu no mesmo sentido ao capitão-mor José Pereira Filgueiras, na verdade o frade fujão não se refugiara no Ceará, como se suspeitara, mas no sertão pernambucano, Distrito de Riacho da Brígida, depois Leopoldina e hoje Parnamirim. Os livros de registro de batizado de Boa Vista (nalgum tempo Coripós) e Cabrobó denunciam no tempo a presença do frade liberal naquelas paragens no exercício avulso de suas funções sacerdotais inclusive até março de 1817. A prova de documento de arquivado, êle surgiu pessoalmente no Cariri, em 22 de abril de 1817, dia em que batizou na Matriz da mesma vila, a Antonia, filha de Alexandre Raimundo Bezerra e neta de Francisco Carlos Zacarias de Rezende (12). Ambos, como o frade batizante, seriam cúmplices na dita rebelião de 3 de maio (13). Como se vê, à luz de documentos, Frei Francisco de Santana Pessoa não marcou presença pessoal nesta zona antes daquela data. E não foi, mesmo, capelão de Barbalha, ou do capitão-mor José Pereira Filgueiras, mas não, quanto a êste, em virtude do motivo econômico alegado por certo autor (x)...

Resta a suspeita de ter sido Gerardo Henrique de Mira o preparador a longo prazo, da citada revolução de Alencar. Mas esta suspeita não tem fundamento documentado, pelo menos até agora. Vejamos pelos documentos o espaço de tempo de sua presença pessoal em Crato. "Branco, casado, morador na praça de Pernambuco", estava na vila do Crato, de 14 de abril de 1816, inclusive até 8 de maio do mesmo ano. (14) No princípio do ano de 1817, encontrava-se no

(12) Livro de registro de batizado, fls. 44 — 1816-1820 — Paróquia de Nossa Senhora da Penha do Crato, citada (y)

(13) Documentos do Arquivo Estadual (de Pernambuco), Vol. II, pp. 7 a 14. Recife — 1943.

(14) Livro de matrícula dos sócios da Irmandade do S.S. Sacramento da Matriz de Nossa Senhora da Penha do Crato. 1815-1854, fl. 54 — Livro de "Notas", fls. 34 a 36. 1816. Cartório citado — Gerardo Henrique de Mira não foi comerciante em Aracati, como se diz.

(x) O Padre João Bandeira, os irmãos Mortinho e Manuel da Costa Agra, incluídos na devassa do ouvidor Albuquerque (Revista do Instituto do Ceará, 1917, ed. especial, p. 152, e Docs. do Arquivo Estadual, citado, Vol. II, pp. 7 a 14) não agiram subversivamente no Cariri. O primeiro residia em Piancó, Pb. (Docs. do Arquivo Estadual, cit. Vol. III, p. 272) e os dois últimos, no citado Distrito do Riacho da Brígida, da pernambucana Comarca do Sertão. (Docs. do Arquivo, cit. Vol. IV-V, pp. 91, 293 e 311).

(y) O supracitado Francisco Carlos de Rezende participou da expedição de Caxias no posto de tenente quartel mestre. Revista do Instituto Histórico Brasileiro, Tomo citado, pp. 494 e 495.

Recife. Embarca neste porto com destino ao de Aracatã, sendo, aí, prêso ao pisar a terra firme, no dia 18 de setembro do dito ano de 1817. Estava e ficara em Recife quando Alencar partiu para o Ceará com o fim de fazer revolução. Do Recife escrevera 4 cartas a pessoas nesta então vila do Crato, por exemplo, a Alencar e ao capitão José Ferreira da Conceição. Elas concorreram para perder o missivista, que faleceu nas cadeias de Fortaleza, em 5 de novembro do dito ano de 1817. (15). O resto já se sabe. Portanto, pelo visto, Gerardo Henrique de Mira não dispôs de tempo bastante, no Cariri, para ter preparado remotamente a mencionada revolução do jovem seminarista Alencar. Desta maneira, inclina-se para este a autoria da elaboração remota da sua própria revolução. "Discípulo do Padre Miguelinho e frequentador dos conciliábulos em que se ensinavam as mais adiantadas doutrinas e as mais liberais teorias" (16), aflorando-lhe tendência para líder político, patriota de ardor quase fanático em consequência da idade, custa crer que Alencar se tenha mantido mudo — quanto à sua ideologia política — em suas estadas de férias nesta região, ou fôsse, de 1812 até inclusive o ano de 1816. De modo que, nos três dias que precederam ao três de maio de 1817, visara apenas: de um lado, a convencer da oportunidade da deflagração do movimento rebelionário aos que havia previamente conquistado às novas idéias, tarefa fácil a julgar pelo número de acusados pelo ouvidor Manuel José de Albuquerque, como foi visto; e, por outro lado, a tentar a adesão dos realistas sabidamente intransigentes, por isso mesmo não abordados na preparação a longo prazo, adesão, agora em vão tentada como os acontecimentos se encarregaram de provar. Partir porém, desta frustração de um proselitismo revolucionário de última hora sôbre realistas emperdenidos para concluir que Alencar não fazia viagens de férias ao Cariri, é privilégio da lógica de primário. . .

Dissipa-se como bôlha de sabão, a sentença infundada segundo a qual o ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho fôra a alma da revolução de 1817 no Ceará, (17) pois,

---

(15) Ver Revista do Instituto do Ceará — 1917. Edição Especial — "Anotações" de O. Lima à História da Revolução de 1817 em Pernambuco, de Muniz Tavares, p. 351 — 1917. Edição Especial. Recife — Pernambuco.

(16) Studart (não confundir com o sucedâneo na Secretaria do Instituto do Ceará), Revista do Instituto do Ceará, edição especial, p. 119 — 1917.

(17) Carla; Studart Filho, opúsculo citado, pp. 18, 36 e 47.



como se viu à luz dos documentos, não o foi sob os céus do Cariri.

\* \* \*

Autor do trabalho, subversivo, subterrâneo e prévio, culminado com o 3 de maio de 1817 — a Alencar cabe o título, inconcussamente conferido pela história: de pioneiro das revoluções políticas CONCRETAS ocorridas em terras do Ceará.

Não só deste título pioneiro, Alencar foi portador, mas também do título de autor intelectual da revolução que incorporou o Ceará à Confederação do Equador. Conspirou em 17, conspiraria em 1840 (Maioridade) e em 1842 (baldernas dos liberais), conspirou em 1824. Dissolvida a Constituinte, embarcou para Pernambuco (22.11.1823); (g) desembarcou no Recife (12.12.1823); assistiu à reunião do Grande Conselho, da qual Manuel de Carvalho Paes de Andrade saiu eleito governô de Pernambuco (13.12.1823); chegou a Fortaleza (15.2.1824); partiu de Fortaleza para o Crato (8.3.1824); assistiu em Fortaleza à reunião do Grande Conselho (29.4.1824). Viera de Pernambuco especialmente comissionado para levantar o Ceará, (como o fôra em 1817 pelo governô revoluiconário do Recife). Desincumbiu-se discreta e cabalmente de sua missão. De cá, escrevia a Paes de Andrade pondo-o ao corrente de sua atividade conspiratória. Uma de suas cartas, encontra-se no Arquivo Nacional, da qual conseguimos cópia por intermédio do nosso amigo dr. Sampson Siqueira de Melo, residente no Rio. Transcrevemo-la previnindo que o documento não é inédito: **"CERTIDÃO** — Em cumprimento ao despacho exarado no requerimento de LUIZ SAMPSON SIQUEIRA DE MELO, no qual alegando ser brasileiro, solteiro, funcionário público federal, residente na Rua Viveiro de Castro, 54. Apto. 1.103, nesta cidade pede certidão da carta de José Martiniano de Alencar a Manuel de Carvalho Paes de Andrade. CERTIFICO que revendo a caixa sete centos e quarenta e dois, pacotilha um, datada de 5 de maio de mil oito centos e vinte e quatro, consta o seguinte: "Meu amº — Durante amº estada no Ceará escrevi-lhe por três vezes, e destas cartas terá visto, que não me descudei da comissão de que me encarregou o Govº dessa província: creio, que a corres-

(g) "Alencar deixa a côrte e parte para o norte, em demanda do sertão do Ceará, a levantar a revolta contra o despotismo de D. Pedro I". J. E. Tôrres Câmara, citando J. N. J., in Revista do Instituto do Ceará, Tomo Especial, p. 309. 1924.

pondência do Gov<sup>o</sup> deste com o desta Província terá sido conforme aos nossos desejos. Fácil me foi no Ceará, e fácil me tem sido aqui plantar no Povo as idéias de liberdade, que nós desejamos Semear, por isso digo-lhe que tôda esta Província está bem animada. Agora pm está tudo consternado. Com a notícia dos tons altos de Morgado, e o desaforo cometido pelos dois Majores Lamenha, e Souza, e como já não saiba o resultado dêstes barulhos, a êste Povo tenha o maior cuidado pela Sua Conservação na Presidencia do Gv<sup>o</sup> determinou a Camara desta V<sup>o</sup> mandar a hi hu próprio buscar notícias Suas a qual o resultado destas contendas, e tão bem Saber se ahi Se jura, ou não a Constituição Imperial: bem sabe, que estamos colocados no Centro destes Matos, e necessitamos Saber do que vai pelo grande Mundo: Satisfassa pois V. aos desejos deste povo, e pague com isto o amor, e adhezão que elle tem, dando-nos notícias circumstanciadas do Estado dessa Prassa, e mormte. de V. mesmo, de cuja conservação na Presidencia pende o animo, valor, e coragem deste Povo, que muito confia de V. Aqui só se Sabem notícias athé 25 de março; e a Continuação do que Succedeu Posterior a esse dia he que Se dezeja Saber. V. tem sido bem omisso em escrever-me; apezar de Suas occupaões, bm podia ter me escrito alguã vez: Satisfaça pois agora a este dever. Recebi os Folhetos, que me mandou aos quaes tenho dado o conveniente uso. Se Pernco. não jurar a Constituição J. tão bem esta Província a não jura. Como o Capmor José Pereira Filgueiras, e meu mano Tristão Glz. de Alencar tem hão conseguido felismente ganharam huã ascendencia extraordinária Sobre os Povos desta Província aponto de nada se fazer Senão pela direção delles, e Como estes sejam adhesivos a' boa Cauza, e me oção bem vâ q' facil he termos a' Província disposta a Cauza da liberdade, e com isto deve V. contar. Ja lhe disse que todo este Povo o ama cordialmente; e por t<sup>o</sup> nestes lugares tem V. hu recurso certo, e hu abrigo Seguro p<sup>o</sup> salvar-se, e sustentar por muito tempo o Pendão da liberdade, no caso de q. ahi periguem, por Cabala dos Servis os Negócios da Pátria. Meu Mano, e o Filgueiras, inda estão no Ceará, pem. breve Se

recolhem a este centro p<sup>o</sup> ficarem livres de Alguã traição com a xegada da Fragata, e fizerem Se aqui fortes p<sup>o</sup> darem disto ao resto de Província, q toda treme com medo do Cariri, onde estão os Goianistas do Ceará. Adeus, escreva-me, e faça que o Gov<sup>o</sup> responda ao Officio da Camara. — Seu fiel Am<sup>o</sup> I. M. de Alencar. — Crato 5 de Maio de 1824. No verso da carta lê-se: Exm<sup>o</sup> Snr. Manuel de Carvalho Paes d'Andrade. — Pernambuco. — Documento êsse arquivado nesta Répartição. E para constar onde convier, eu Rosina Ferrari, Arquivista Classe "A" desta Repartição, passei a presente certidão que assino. Rosina Ferrari. Confere com o original existente na Seção de Documentação Histórica do Arquivo Nacional. Em 1 de julho de 1965. José Pires dos Santos — Chefe da Seção.

De acordo com o anexo II da Lei n. 4.505, de 30.11.1964, pagou a importância de Cr\$ 500 (quinhentos cruzeiros) pela guia de Recolhimento da Taxa de Serviços Públicos, item II inciso 2. MFGB 346 65 jul 7 500 D73.

Rio de Janeiro, 7 de julho de 1965

Pedro Muniz de Aragão — Diretor"

(Firma reconhecida)

Fomos rigorosamente fieis à cópia, como julgamos que ela tenha sido ao original. Tobias Monteiro, êste, sim, historiador de talento, leu a citada carta no Arquivo Nacional e destacou um pequeno trecho, que publicou no primeiro tomo de sua História do Império, para robustecer o seu pensamento de que Alencar foi o autor intelectual do movimento rebelionário que conduziu o Ceará ao seio da Confederação do Equador.

A mencionada carta autoriza a conclusão de que seu autor escolheu o Crato por centro de sua conspiração na província, até porque Tristão, e Filgueiras tinham domicílio respectivamente em Crato e Barbalha. Desta região partiram para Fortaleza (Filgueiras foi nomeado governador das armas do Ceará pelo Governo Imperial (m) em consideração aos serviços prestados no Maranhão, para o que o mesmo

(m) Revista do Instituto do Ceará, Tomo Especial, pp. 314 e 315 — 1924.

Governo o havia nomeado a 16 de abril de 1823) (n) resolvidos a eliminar a autoridade de Pedro I, na província, o que realizaram após simulações e estudadas protelações em marchas e contramarchas entre Filgueiras e Pedro da Costa Barros, escolhido presidente do Ceará.

Na opinião de Pedro Theberge era Alencar personagem astuciosíssima "que sempre teve a habilidade de forjar os planos e de os mandar executar por outros, conservando-se por trás da cortina, salvo de riscos e comprometimentos (18). João Brígido o alcunhou figuradamente de — raposa (19). Leonardo Mota, também, figuradamente, o chamava de — Zé Suçuarana (20).

Na verdade, era Alencar vocacionado conspirador político e sabia imprimir à conspiração, a imprescindível face oculta, um dos fundamentos do êxito das conspirações.

\* \* \*

Em nota ao nosso trabalho — "O Autor de Iracema: Caririense de Origem" — publicado na revista de cultura — CLÁ — número 21, Ano XVII, Fortaleza, Ceará, dezembro de 1965 — edição comemorativa da passagem do primeiro centenário da publicação de IRACEMA, de José de Alencar, escrevemos à página 87: "Ficou registrado que o Senador Alencar nasceu no ano de 1792, data que contraria àquela até agora apresentada pelos cronistas, baseados na tradição, pois não existe o respectivo registro, ou seja, 1794. Acontece que em 10 de abril de 1832 foi escolhido Senador do Império, pôsto, então, legalmente inacessível a quem não contasse a idade mínima de 40 anos completos, e Alencar não somaria, naturalmente, senão 38 — caso houvesse nascido em 1794. Resta a hipótese da fraude, ou fôsse, que Alencar tivesse recuado de dois anos a propalada data de seu nascimento. Neste sentido recorreremos, nos comêços de 1964, aos préstimos valiosos do mais autorizado pesquisador da história do Ceará naquele momento — Ismael Pordeus.

(18) Citação de Irineu Pinheiro, "Efemerides do Cariri", págs. 95 e 96. Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza — 1963.

(19) Idem, Idem, pág. 366.

(20) Leonardo Mota foi em vida sócio efetivo do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras. Festejado folclorista, publicou obras sobre o assunto, que o imortalizaram nas letras nacionais. É sua obra prima — "Cantadores".

(n) A Carta Imperial, de 16 de abril de 1823, nomeando Filgueiras chefe da expedição do Ceará em auxílio ao Maranhão, conhecida por Expedição de Coxias, está transcrita às pp. 545 e 546 da Revista do Instituto Histórico do Brasil, Tomo citado.

No fim do mesmo ano, recebemos dêle a seguinte mensagem, oral, lacônica, incisiva e decisiva, por intermédio do nosso comum amigo, Coronel do Exército Nacional, Raimundo Teles Pinheiro: "Diga ao Padre Gomes que não houve fraude". Assim sendo, o Senador Alencar, nasceu mesmo, no ano de 1792".

Alencar juntou aos documentos de habilitação de sua candidatura ao Senado do Império, o de idade, fornecido pela Cúria diocesana de Pernambuco. O atestado curial rezava que Alencar, aluno de Seminário de Olinda, tinha em abril de 1817, a idade, que em 1831, arredondaria aquela mínima exigida por lei para o exercício do mandato de senador do Império. (Como se vê o citado Seminário não tinha, pelo menos no tempo, o documento específico da data matemática do nascimento de Alencar). Lemos este atestado curial, publicado em um exemplar do "Cearense Jacauna", jornal editado e dirigido em Fortaleza pelo Cônego José Ferreira Lima Sucupira e que sustentou a referida candidatura. O exemplar foi-nos exibido pelo nosso inviolável amigo, o citado Leonardo Mota, no ano de 1941, quando eramos seu hóspede na sua casa de residência em Fortaleza, Joaquim Távora, n.º 506. No tempo, o consagrado folclorista empenhava-se na obtenção de elementos, escritos e iconográficos, com os quais pretendia elaborar uma história eclesiástica do Ceará plano que a morte não lhe permitiu realizar. Com seu desaparecimento, a família entregou à Cúria arquidiocesana de Fortaleza, o acervo dos dados por êle reunidos sobre o assunto. Provavelmente o precioso exemplar do "Cearense Jacauna" terá seguido o destino do acervo, para o qual havíamos concorrido com quase duas centenas de informações colhidas nos arquivos paroquiais desta Diocese, sendo, uma delas, referente à data e lugar do nascimento do Padre Verdeixa, que foi deputado provincial, fundou e dirigiu o jornal "A Liberdade". (21). Vimos uma coleção em mãos do dito Leonardo Mota.

Se Alencar apelou para a Cúria de Olinda, presume-se que o ato do seu batizamento não foi registrado no livro competente da paróquia de Missão Velha, a do seu nascimento, ou no congênere da freguesia do Crato (na qual poderia ter sido batizado), a da residência e domicílio de seus pais, Capitão José Gonçalves dos Santos e D. Bárbara Pereira de Alencar. Em vão, examinamos todos êstes livros.

(21) Revista do Instituto do Ceará, Tomo LV, Ano LV, 1941, pág. 5 e seguintes.



E' um detalhe da biografia de Alencar, que talvez nunca se esclarecerá devidamente: a data exata de seu nascimento.

\* \* \*

A dúvida, que perdurou por tempos, sobre se Alencar ordenara-se padre dissipou-se com a publicação de seu testamento. Foi, mesmo, sacerdote. E quanto à data e lugar de sua ordenação sacerdotal, assegurou-nos Leonardo Mota, o dito, que Alencar se ordenara presbítero no ano de 1825 em São Luiz do Maranhão, segundo informação, que lhe prestara, um amigo residente na capital da terra dos Timbiras, o qual colhera o informe em velho jornal maranhense. Recordo-me da observação do Leota (também era conhecido por esta forma contrata de seu nome) ao prestar-lhe a informação, ou fôsse, que Alencar, para salvar a vida, relacionou mentiras em sua célebre "Súplica", entre elas, a alegação de que fôra ao Crato em 1824, celebrar a sua primeira missa.

\* \* \*

Como os leitores de "Itaytera" não sejam os mesmos, pois aumentam sempre, repetiremos nesta edição, agora de modo completo, o exemplo que demos na edição anterior, relativo à megalomania intelectual do velho médico-general Carlos Studart :

"Em verdade, não somos apenas, cronistas somos, igualmente e sobretudo historiadores classificados, ou seja, daqueles que estudam honestamente os fatos em suas causas e consequências".

"Antigo catedrático de História e Geografia do Brasil, na Escola de Cadetes de S. Paulo, demos à publicidade vários escritos versando temas históricos e trabalhos de exegese que mereceram dos entendidos rasgados encômios". Opúsculo citado, pág. 18, já citada (X) — Os grifos são do transcritor.

---

(X) Repetimos: entendemos por historiador classificado, ou de classe, o historiador de talento. Deixamos, claro, no curso dêste trabalho, nosso conceito sobre esta categoria de historiador. Para sê-lo, não basta que alguém se nomeie tal; que estude honestamente (?) os fatos em suas causas e consequências, pois o historiador sem talento (como o autor em foco) igualmente pode fazê-lo, por sinal que os autores de compêndio de história o fazem (autores de compêndio de história da categoria de O. Lima e João Ribeiro, historiadores de talento, constituem exceções que confirmam

a regra); que tenha sido catdrático da escola-de-cadetes; que verse temas histricos e trabalhos de exegese e receba por isso, RASGADOS encmrios de entendidos, ou no, sobretudo quando estes RASGADOS encmrios so suspeitos, pelo fato mesmo de serem RASGADOS, rasgos de mltas-de-apoio-mutuo, maneira de suprir a deficincia de cada...

Conhecemos publicaes histricas do esforado pesquisador e cronista, o mdico-general Carlos Studart—suficientes para se ter um juizo do autor—cronologicamente desde O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS (em que a tnica é a superficialidade, por exemplo, o tema “Os Missionrios”, um captulo manco), at “Os Aborgenas do Cear” (Revista do Instituto do Cear, Tomo LXXVI, Ano LXXVI, p. quarenta e seis — 1962), pronturio haurido em fontes de segunda mo, no qual, por exemplo, o habitat dos aborgenes Inxus é situado nas nascentes do Salgado, mancaada classificada, esta. (Leia-se Pereira da Costa, “Anais Pernambucanos”, Vol. V, pág. 160 — Recife — Pernambuco — 1953). Tais publicaes, com seu valor prprio incontestvel, no passam entretanto, de compilaes, pronturios, ou fichrios a seu modo, os quais de modo algum trazem a marca do historiador de talento, sem falar na ausncia de originalidade, e do novo, pois so em geral, hauridos em assuntos j explorados por outros e dados a publicidade.

O mdico-general chega a criar, ou perfilhar, sem maior exame, a lenda de Frei Fidelis, fundador de uma capela, em 1704, germe que evoluiu para a atual Matriz do Crato (DADOS PARA UMA HISTRIA ECLESIASTICA DO CEAR”, in Revista do Instituto do Cear, LXXI, pág. 51 — 1957). Entretanto, nenhum documento, autntico, veraz e pacfico, at agora revelado, acusa a presena nesta terra, de eclesistico, regular ou secular, ou de templo algum — antes de 1740. Eis um mito, pois, a somar-se a outro, j citado: o habitat dos aborgenes Inxus, situado nas nascentes do Salgado (“Os Aborgenes do Cear”, Revista do Instituto do Cear, LXXVI, pág. 46 — 1962), quando estes ndios, estendendo-se do rio S. Francisco pelo Brgrida acima, no ultrapassaram sequer as fraldas pernambucanas da serra do Araripe (Pereira da Costa, “ANALIS PERNAMBUCANOS, Vol. V, pág. 160 — Recife - Pernambuco).

Vamos abandonar estes temas, aos quais tornaremos oportunamente, e voltemos a O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS. Carlos Studart Fi-



lho. Imprensa Universitária de Fortaleza — 1960. Todos os capítulos dêste livro atestam a incapacidade do autor para a síntese em PROFUNDIDADE das obras vistas, ocorrendo, às vezes, a insuficiência de consulta a fontes de determinado tema. Exemplifiquemos nossa última assertiva. A consulta a todas as principais crônicas das ordens religiosas impõe-se preliminarmente a quem se proponha tratar de suas missões, o que, todavia, não exclui a conveniência do confronto com outras fontes. Afirmamos, por exemplo, que é mancão, o capítulo — “Os Missionários”, do citado livro do médico-general Carlos Studart, págs. 253 e seguintes. Na verdade, o autor não consultou obras fundamentais, como “I CAPUCINI NEL BRASILE. MISSIONE E CUSTÓDIA DEL MARANHÃO. P. Metódio Da Membro, OFM. Capp. Milano, 1957, tendo, o autor (é professor de Missiologia da Propaganda Fide), percorrido o Brasil em consulta às fontes, depois de fazê-lo na Europa; “P. Fr. Cláudio d'Abbeville, HISTÓRIA DA MARANHÃO. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1945; “NÓVO ORBE SERÁFICO BRASÍLICO”, de Frei Antônio de Sta. Maria Jaboatão, OFM, Rio de Janeiro, 1858-1859, I e II; “AS MISSÕES CARMELITANAS (DO NORTE DO BRASIL)”, de André Pratt, O. C., Recife — 1940; “A ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL” de Frei Basílio ROEWER, OFM. VOZES, Petrópolis, 1957. Porque, em suas consultas, marginou estas obras basilares, C. Studart produziu um capítulo superficial e cheio de inexatidões — o referido.

Sob o ângulo em que nos colocamos, perfila-se para referência especial, a figura de Frei Vicente do Salvador, OFM. HISTÓRIA DO BRASIL, não vai muito tempo, em quinta edição comemorativa do 4.º centenário do nascimento do autor. Infelizmente não temos à mão esta última edição, razão por que usamos a 3.º, S. Paulo. 1931—Carlos Studart, no seu mencionado livro, cita às páginas 50, 51, 61, 74, etc., a HISTÓRIA DO BRASIL do Pai da história do Brasil, fazendo-o porém sem indicar as páginas como se não tivesse consultado a obra prima de Frei Vicente, contentando-se em transcrever as citações de outros autores. Por isto, não foi mais feliz na exposição do assunto. Exemplo: à pág. 125, alude aos “dois capuchinhos de Santo Antonio” — na realidade franciscanos ou capuchos — em referência ao que Frei Vicente do Salvador e Jaboatão informam com suficiência incomparavelmente superior. (Cf. Salvador, págs. 467 e 472, o qual apresenta dados mais exatos; confronta, á pág. 477, a atividade dos capuchinhos francêses com a dos fran-

ciscanos olindenses e censura aqueles por terem vindo ao Brasil a convite e em companhia de herejes francêses. Por outro lado, os franciscanos não chegaram ao Pará em 1616 (Carlos Studart, pág. 258), mas em 1917, conforme a palavra autorizada de Jaboatão, t. II, págs. 118-122, e Roewer, pág. 61. Nem o companheiro de Frei Cosme de Damião foi Frei André (Carlos Studart, pág. 271), e sim Frei Manuel da Piedade, OFM., natural de Olinda. (Cf. Salvador, págs. 467 e 472). Manoel Severim não foi religioso, não sendo portanto frei (Carlos Studart, pág. 272, último trecho), porém irmão de Frei Cristovão de Lisboa, OFM. Manuel Severim de Faria era Chantre da Sé. de Évora. (Ver Salvador, pág. XIII e I).

O médico-general Carlos Studart, págs. 125, 179, 272, 273, etc. confunde capuchos com capuchinhos, tratando-se sempre de franciscanos ou capuchos. (O termo capucho é hoje obsoleto, enquanto capuchinhos se usa unicamente para os frades barbados).

Carlos Studart Filho, o dito, p. 273, usa o termo **Província eclesiástica**, que todavia, significa várias dioceses ou prelazias sufragâneas de um arcebispado. Mas, aqui, nem se trata de **Província**, pois os franciscanos fundaram apenas uma custódia ou comissariado. Na mesma página 273, 3.º trecho, o mesmo Carlos Studart afirma que todos os frades seguiram para o Maranhão, o que não é exato, porque dois franciscanos ficaram no Ceará (cf. Salvador, págs. 535). E a nota noventa e quatro causa confusão, pois a Custódia de Santo Antonio, com séde em Olinda e fundada em 1584 e instalada em 1585 (Carlos Studart erra dizendo-a "fundada em 1585"), nada tem a ver com o Maranhão por se estender da Paraíba ao Sul. O fato de terem seguido cinco franciscanos da Custódia de Olinda para o Maranhão não prova qualquer dependência de uma relação a outra, até porque êsses cinco frades, em poucos anos, regressaram à Custódia olindense, a que pertenciam (Cf. Frei Venâncio Willeke. OFM. FREI MELCHIOR DE STA. CATARINA, OFM. PRIMEIRO CUSTÓDIO FRANCISCANO DO BRASIL. Editora VOZES, Petrópolis, dezembro, 1961. Do mesmo autor, MISSÕES DA CUSTÓDIA DE STO. ANTONIO DO BRASIL. IN *Província Franciscana de Santo Antonio*, Recife, 1957).

Na referida pág. 272, o médico-general Carlos Studart escreve que a "ação missionária desenvolvida pelos religiosos do Carmo em terras maranhenses e os frutos que dela colheram são pouco conhecidos, em detalhes". Ocorre que

o autor, falho na lista dos autores consultados, não incluiu a citada obra de Frei Pratt.

O que aí fica, basta para provar que o médico-general Carlos Studart não é, como se julga e proclama, tão outra Clio, ou tão do sangue da coruja de Atenas. Topa, tomba, cai e rola na rampa quiabenta de insuficiências como outro mortal, sobretudo hoje, em sua idade crepuscular.

A julgar pelo referido — O ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS — seu autor continua anacrônico quanto ao conceito errôneo de nossos historiadores, entre êles, por exemplo, Varnhagen, Capistrano de Abreu, João Ribeiro e outros, que, ignorando o direito público da Idade Média e a essência do regime feudal, identificaram o sistema de nossas antigas capitanias ou donatárias com aquele regime. Por outras palavras: partiram da semelhança ou analogia de características do mesmo sistema com o regime feudal, para identificarem sistema e regime, tomando semelhança por identidade. (Não esquecer que no regime feudal, a terra isto é, o econômico determinava distinções sociais).

O primeiro golpe mortal, contra tal conceito foi desferido em 1930, por Queirós Lima em profundo e decisivo estudo intitulado "Capitanias Hereditárias", in Revista dos Estudos Jurídicos, n.º 2, Rio de Janeiro, agosto de 1930, págs. 115 e 117, citação de Hélio Viana, HISTÓRIA DO BRASIL, Vol. I, págs. 63 e seguintes, 2.º edição, Editora Melhoramentos, 1961; e 3.º edição, revista e aumentada, Vol. citado, págs. citadas, Editora citada, 1965. Sucessor de Rodolfo Garcia no campo da pesquisa da história do Brasil, Hélio Viana, historiador de talento, e fôlego nacional, é dos revisionistas de vanguarda no assunto. Traz na sua mencionada HISTÓRIA DO BRASIL, págs. citadas, brilhante síntese do referido estudo de Queirós Lima. Entre êste último autor e Hélio Viana, surgiu, incidindo na mesma linha revisionista, Roberto C. Simonsen (hoje desaparecido do número dos vivos), HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL, Tomo I, págs. 124 e seguintes. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1944. 2.º Edição.

Há, como não seria de estranhar, a inútil reação anacrônica a êste revisionismo vital.

Dinâmica, a História tem, em sua flexibilidade à revisão, uma das características de seu próprio dinamismo.

O erudito e parciculto médico-general Carlos Studart nasceu sob o signo da contradição, transitando, por vezes, do

pitoresco ao ridículo. Repetimos: em 15 de novembro de 1952, nesta cidade do Crato ofereceu-nos, êle, pessoalmente, um exemplar de sua sofrível monografia HISTÓRIA DOS HOLANDESES NO CEARÁ, separata da Revista da Academia Cearense de Letras, 1956. Imprensa Oficial — Fortaleza — 1956. Conferiu-nos, no autógrafo, o título de ILUSTRE HISTORIADOR DO CARIRI, para, dez anos depois, cassar-no-lo... em seu já citado imbróglio, “O Padre Gomes de Araújo e “A Revolução de 1817 no Ceará”. (Leia-se esta Revista, N.º 9 — Anos 1963, 1964, p. 12). E na lista dos autores, constantes da bibliografia, que acompanha a monografia O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS, figura CRUZ (JOSÉ DA) FILHO. HISTÓRIA DO CEARÁ. São Paulo. 1931. Em 1961, portanto, um ano depois da publicação daquele livro sem originalidade, do médico-general Carlos Studart, igualmente citamos Cruz Filho e sua HISTÓRIA DO CEARÁ, na bibliografia (o médico-general dedicou-lhe uma crítica zoila e cabotina) que anexamos a nosso 1817 NO CARIRI. O médico-general zoilando, zoilou, assim:

“Exageradamente liberal, sob certos aspectos, O PADRE GOMES NÃO SE CONSTRANGE EM DAR A ENTENDER QUE APOIA O SEU ESCRITO EM RESUMOS DIDÁTICOS, FEITOS PARA AS ESCOLAS DO ESTADO. GRANDE SURPRESA E EMBARAÇO DEVE TER EXPERIMENTADO O BRILHANTE AUTOR DA “HISTÓRIA DO CEARÁ” (RESUMO DIDÁTICO) AO VER O SEU COMPÊNDIO PÓSTO NA RELAÇÃO DAS OBRAS A QUE PEDIU CONSELHO O PADRE ESCRITOR”. (“O PADRE GOMES DE ARAÚJO E “A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CEARÁ”, CARLOS STUDART FILHO. TIPOGRAFIA MINERVA — CEARÁ: FORTALEZA — 1962 — PÁGINA 70).

Vejam só! Se o ilustre médico-general cita Cruz Filho — príncipe dos poetas cearenses — ou outro de seu nível no conhecimento da história do Ceará, julga-se não diminuído da categoria do historiador, que se proclama; mas se outro igualmente o fizer, sem sua prévia aprovação, aí do atrevido... porque se abaterá sobre êle, a condenação fulminante de quem, outra Clio, ou coruja de Atenas, dispõe do poder de conferir e cassar o título de historiador...

ÊLE CONTRA ÊLE SEMPRE...

Pode-se imaginar o tormento experimentado por Cruz

Filho em consequência dos impactos que lhe causavam as "surpresas e embaraços" EM CADEIA, originários das citações de sua "leve e amena" HISTÓRIA DO CEARÁ, feitas por carrascos, como: CARLOS STUDART FILHO, "O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS, na bibliografia, pp.347/349; Pedro Calmon, HISTÓRIA DO BRASIL, Vol. IV, p. 1295, nota 44, José Olympio, Rio de Janeiro, 1959; P. Fr. Fidelis M. de Primério, OFM, cap., CAPUCHINHOS EM TERRAS DE SANTA CRUZ, NOS SÉCULOS XVII, XVIII e XIX, S. Paulo, Liv. Martins, 1942; H. Firmeza, (falecido professor de História do Brasil e História Universal do antigo Liceu do Ceará, hoje, Colégio Estadual), CRÔNICAS ESCOLHIDAS, pp. 242 e 243, Editora "Instituto do Ceará", Fortaleza, 1965; Padre Antonio Gomes de Araújo, 1817 NO CARIRI, p. 29. Coleção Cadernos de Cultura. Faculdade de Filosofia do Crato. 1962. E há mais gente de maior importância intelectual do que o médico-general censor, gente que cita assuntos históricos tratados por Cruz Filho, entre eles, J. E. Tôrres Câmara, Revista do Instituto Histórico do Ceará, Tomo Especial, pp. 333. 1924.

Perfilhando o Governador Sampaio, a quem tem por oráculo e aceita de olhos fechados quase, apesar de se proclamar daqueles historiadores que estudam honestamente os fatos — o historiador medíocre, médico-general Carlos Studart atribui os qualificativos "falsário e ladrão" a Inácio Tavares Benevides, (op. Cit., p. 24), casado com uma irmã da heroína cratense Bárbara Pereira de Alencar, e revolucionário cratense de 1817. E o faz ao influxo do ódio e com soberano desprezo, esquecido de que MANUEL DO NASCIMENTO CASTRO E SILVA, tabelião do Crato, foi acusado e processado como falsário e ladrão pelo ouvidor do Ceará, Manuel Antonio Galvão. Ao contrário do médico-general acadêmico, que não baseou a acusação contra Inácio Tavares Benevides, apesar de se inculcar honesto em ciência histórica, provarei, à base do documento de fonte de primeira mão, ou seja, de arquivo — a minha informação. MAGISTRADO JUSTO: em 8 de fevereiro de 1812, no livro de "Notas", última página, do cartório desta então vila do Crato, o citado ouvidor Galvão escreveu em relação ao dito tabelião CASTRO E SILVA:

"Visto em correição. Grande erro muito próximo da falsidade cometeu este tabelião em unir a folha 57 à 58. Se, por engano, saltava folha, devia declará-lo no fim da nota. Por este erro merecia suspensão e multa pecuniária. Atribuindo porém,



à ignorância e não à malícia, tal êrro, não lhas imponho. Crato, 20 de fevereiro de 1812. Galvão". 1.º Cartório, de Antonio Machado. Crato — Ceará. E' ocioso dizer que o tabelião a quem Galvão se refere, é o dito MANUEL DO NASCIMENTO CASTRO E SILVA.

Em 6 de dezembro de 1813, o referido ouvidor Galvão escreveu :

"Visto em correição. A p. 31 está cortada a raza pelo Escrivão Manuel do Nascimento Castro e Silva na quantia de 1260, quando importa em seicentos e setenta e dois réis. A p. 36 pela própria letra do Escrivão está cortada a raza em 1800, quando importa a quantia em 819 réis. Isto é um FURTO. O escrivão atual certifique se a letra das contas citadas é do Escrivão Castro, e passe certidão deste Provimto e a entregue ao Escrivão da Correição para juntar à devassa. Castro fica obrigado à restituição que demais levou contra o Regimento. Crato, 6 de dezembro de 1813 — Galvão — "Livro de "Querelas", fls. 43 e 44. 1812 — 1815 — Cartório de Antonio Machado — Crato—Ceará.

O citado Galvão, honra lhe seja, foi dos magistrados que recusaram submeter a toga ao satrapismo quase de cubata africana, do Governador Sampaio, que visava na sua sabujisse ante o Governo português, sobretudo a conquistar títulos de nobreza para sua pessoa e as dos filhos, como de fato conseguiu.

Manuel do Nascimento Castro e Silva foi absolvido pelo Juiz-de-Fora, do Ceará, José da Cruz Ferreira, um caráter sem caráter, laçao do Governador Sampaio, como o foi de autoridades em Pernambuco. A respeito deste magistrado dessorado, podem ser consultados : Pereira da Costa, ANAIS PERNAMBUCANO, Vol. VII e VIII, respectivamente pp. 426 a 460, e 24; Documentos Históricas, CI, pp. 214 e 233, Biblioteca Nacional; ídem, Vol. CIII, p. 114.

O Governador Sampaio — inaugurou o empreguismo no Ceará, empregando os amigos — era capaz de baixa, baixíssima calúnia. Por exemplo, caluniou, sem uma prova sequer, o ouvidor do Ceará, João Antonio Rodrigues de Carvalho, atribuindo-lhe atos tão repugnantes, que repugnam ao simples bom senso.

Ainda com relação a Inácio Tavares Benevides. Acompanhou o sobrinho, Alencar, nas jornadas libertárias de 17 e 24. Em consequência da primeira, foi prêso, processado e pronunciado. (O. Lima, 'Anotações' à HISTÓRIA DA RE-

VOLUÇÃO DE 1817 EM PERNAMBUCO, edição citada). Em resultado da segunda, prenderam-no, os imperialistas, amararam, martirizaram a pauladas e lançaram semivivo-semimorto às chamas de uma fogueira, no mês de outubro do ano de 1824 na vila de Jardim (Irineu Pinheiro, JOSE' PEREIRA FILGUEIRAS, p. 16. Tip. Ramiro, Crato — Ceará, 1952 — Torres Câmara, Revista do Instituto do Ceará, pp. 327/328. Tomo especial. 1924).

Patriota, herói e mártir da idéia de liberdade — INÁCIO TAVARES BENEVIDES, a lembrar, outro martírio, em si de intensidade menos trágica, porém de caráter circunstancial mais significativo, o do sobrinho afim, da épopéia de Santa Rosa, o mesmo das jornadas patrióticas de 17, e 23 (Expedição de Caxias) e do temerário golpe político de 24 — TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE. Isto não pode ser intuído pelo gagaismo intelectual do pretense dono da história do Ceará e codono da hitória do Brasil e do ecumênico... o "alencarirífobo" médico-general Carlos Studart.

RETIFICAÇÕES NECESSÁRIAS: em nosso trabalho — A HEROINA CRATENSE BÁRBARA DE ALENCAR — edição anterior desta revista, quando considerávamos atualmente em vacância o lugar de secretário do Instituto do Ceará (é claro que em têmes comparativos relacionados com o nível histórico cultural do atual secretário, que não é sucessor mas sucedâneo) tínhamos em mente indicar como ponto de partida daquela vacância, não o desaparecimento do Barão de Studart, o grande secretário morto, mas o afastamento espontâneo do seu sucessor imediato, o Raimundo Girão, historiador, (e escritor), que, como tal ergue-se para o alto deixando a perder de vista na linha horizontal, o consócio e sucedâneo na secretaria do Instituto. Retificamos aqui o lamentável cochilo de nossa memória. Igualmente, cochilona, quando consentiu em que seu portador houvesse esquecido de acrescentar o nome de Capistrano de Abreu ao do Barão de Studart, para somá-los na condição dos únicos historiadores de talento — atemo-nos à clássica e extensíssima acepção do vocábulo — ainda nascidos sob o sol do Ceará e no solo de Iracema.

Que cochilo, equívocos, ou erros, nos domínios de Clio, conosco se verifiquem, não há que estranhar, pois não somos historiador e muito menos no-lo proclamamos... Ora-culidade em história é privilégio de Mestre Carlos Studart, o sábio e lingüista de areia dos "verdes mares bravios" de Fortaleza...

Cidade do Crato, 21.4.66.



## CADERNOS DE LOUCURAS

JOARYVAR MACÊDO, natural de Lavras da Mangabeira, é professor e bom poeta, agora residente em Crato. Enfeixou suas poesias num opúsculo, editado na EMPRESA GRAFICA "A AÇÃO". Sua apresentação é assaz original:

Cerção afirma que todos nós  
temos um pouco  
de louco,  
de poeta,  
de palhaço.

Constitue exceção a afirmativa:  
de palhaço não sei quanto tenho;  
os outros que o digam;  
de poeta nada tenho, a menos que  
inveja de quem o é:  
de louco tenho tudo; confirmam no  
meu Caderno de Loucuras:

Tem poesia, no entanto, êle tem tudo. Tem alma sentimento e sabe nos prender bem o coração com maviosos versos de quem nasceu para versejar, em bom estilo

## C O N F U S Ã O

Há momentos que eu vivo sem tristeza,  
há momentos que eu vivo na esperança,  
São horas em que minh'alma descansa,  
como se fôsse o mundo só beleza.

Há momentos que vivo na frieza  
Há momentos de total desconfiança,  
em que meu espírito nada alcança,  
Senão o mundo cheio de vilezas.

Muitas vêzes o tédio me crucia,  
Muitas vêzes um riso me alivia,  
e vivo eternamente em confusão.

Esta vida que tenho e não entendo,  
assim mesmo confuso, vou vivendo  
vou vivendo e não quero morrer, não.

Vale a pena a gente ler o livro do poeta Joaryvar Macêdo.

# Café CRATO

BOM ATÉ A ÚLTIMA GÔTA!  
PURO! SABOROSO! AROMÁTICO!

Café Crato

Praça Siqueira Campos

Torrefação

Rua Senador Pompeu

CRATO

—

CEARÁ

## CLUBE RECREATIVO GRANGEIRO

Local aprazível

Piscina

Esporte

Breve inauguração

PLANEJAMENTO

E VENDAS:



**imobiliária**  
**SANTA MARTA**

TELEFONE, 353

---

# CITIBRÁS

CIA. MAURITIENSE DE FIBRAS NATIVAS E ÓLEOS VEGETAIS

USINA EM MAURITI:

Escritório de compas em Crato,  
á Rua Tristão Gonçalves N.º 6

## CITIBRÁS

*Compra seu algodão por melhor preço*